

A epêntese vocálica medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica

André Schneider

UFRGS

Luiz Carlos Schwindt

UFRGS, CNPq



RESUMO – Neste artigo, apresentamos uma análise do fenômeno fonológico de epêntese vocálica medial, que é atestado na fala do português brasileiro (PB) (p. ex., [ɪ] em *mag[ɪ]ma*) e do inglês aprendido por brasileiros (p. ex., [ɪ] em *mag[ɪ]net*). Com o objetivo de averiguar a suspeita de Collischonn (2002) de que o número de ocorrências de epêntese após prefixos como *sub-* seja maior do que o número de ocorrências de epêntese em encontros consonantais localizados no interior de vocábulos não prefixados, investigamos o papel dos prefixos na realização desse fenômeno em português e em inglês. A partir dos resultados dos testes de transparência de prefixos e das análises estatísticas que realizamos, concluímos que o prefixo tem papel importante para a epêntese em PB e que a epêntese em inglês resulta da transferência linguística que ocorre da L1 para a interlíngua do aprendiz.

Palavras-chave: Epêntese; Prefixos; Aquisição de linguagem

ABSTRACT – In this paper, we present an analysis of the recurrence of the epenthetic vowel found in word-medial clusters both in Brazilian Portuguese (BP) (e.g. [ɪ] in *mag[ɪ]ma*) and in English learnt by Brazilians (e.g. [ɪ] in *mag[ɪ]net*). Based on the statement by Collischonn (2002) that the frequency of epenthesis found after BP prefixes such as *sub-* seems to be higher than the frequency of epenthesis found in medial-word clusters of nonprefixed words, we investigated the role of prefixes in the production of epenthetic vowels in BP and in English. According to the results we obtained from prefix transparency tests and statistical analyses, we conclude that prefixes play an important role in vowel epenthesis in BP and that epenthesis in English seems to be a result of language transfer from the learner's L1 to the learner's interlanguage.

Keywords: Epenthesis; Prefixes; Language acquisition

Introdução

Neste artigo, apresentamos um resumo do estudo de Schneider (2009),¹ que propõe uma análise morfofonológica sobre a produção de epêntese vocálica medial por falantes nativos de português brasileiro (PB) e por brasileiros em fase de aquisição de inglês como língua estrangeira (LE). Nosso trabalho tem como principais objetivos: (i) verificar o grau de transparência dos prefixos que podem motivar epêntese vocálica em PB e em inglês; (ii) investigar o papel do contexto morfológico na aplicação da epêntese medial nesses dois idiomas; e (iii) comparar a aplicação de epêntese medial em PB com a

epêntese na aquisição de inglês como língua estrangeira e discutir as observações feitas a partir dessa comparação.

Organizamos o presente artigo da seguinte forma: na seção 1, apresentamos os pressupostos teóricos que nortearam nosso estudo; em 2, descrevemos a metodologia empregada para a coleta de dados; em 3, apresentamos e discutimos os dados obtidos com os instrumentos aplicados; e, finalmente, apresentamos nossas conclusões.

1 Pressupostos teóricos

1.1 Pressupostos sobre aquisição de LE e sobre variação

Neste estudo, consideramos a epêntese medial um fenômeno sujeito à *variação* tanto na fala de nativos do PB quanto na fala de brasileiros em fase de aquisição /

¹ A pesquisa na qual se baseia este texto está na dissertação de mestrado homônima apresentada por André Schneider ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (andretadutor@yahoo.com.br), sob a orientação de Luiz Carlos Schwindt (schwindt@pq.cnpq.br).

aprendizagem de inglês como segunda língua (L2) / língua estrangeira (LE).² Além disso, admitimos, no processo de aquisição de LE, a existência de uma interlíngua (cf. SELINKER, 1972) que está sujeita à atuação do princípio da transferência linguística (cunhado por LADO, 1957).³ Passemos à discussão desses pressupostos.

Lado (1957) observou que, na aprendizagem de uma língua estrangeira, os indivíduos tendem a transferir as formas e significados de sua língua nativa para a língua estrangeira através de um processo que denominou *transferência linguística*. A noção de transferência e as concepções behavioristas da Hipótese da Análise Contrastiva proposta por Lado para a aquisição de segunda língua foram muito criticadas a partir da década de 1960 e Selinker (1972) propôs para o processo de aquisição de L2 a existência de uma interlíngua. A interlíngua foi definida como um sistema criativo formado pelo aprendiz que engloba o conhecimento desse aprendiz sobre a L2, sobre a L1, sobre a natureza comunicativa da linguagem, sobre as pessoas e sobre o mundo em geral. Esse sistema corresponde, pois, a uma etapa prévia à aquisição plena do sistema da língua-alvo e ocorre de forma gradual.

Em nosso trabalho, assumimos, com base em trabalhos como o de Corder (1983), que o princípio de *transferência linguística* apresentado por Lado (1957) possa ser admitido na interlíngua de um aprendiz de LE, já que a transferência a que esse princípio se refere é justamente um reflexo do conhecimento que um indivíduo tem sobre sua L1, conhecimento esse que é entendido como um dos fundamentos do sistema de interlíngua. Mais especificamente, acreditamos que a epêntese vocálica que ocorre no inglês falado por brasileiros aprendizes desse idioma seja reflexo da transferência linguística que ocorre do PB (no qual a epêntese é comprovadamente recorrente, cf. COLLISCHONN, 2002) para a interlíngua desses aprendizes.

A *variação* que admitimos existir na aplicação de epêntese na interlíngua deve ser diferenciada da *variação* que ocorre na realização desse fenômeno em PB. Quando tratamos, neste trabalho, da variação que ocorre em PB, estamos nos referindo a um fenômeno fonológico condicionado socialmente e que está sujeito, portanto, aos pressupostos teóricos da Sociolinguística. Ao tratarmos da

variação que ocorre na epêntese da interlíngua, estamos nos referindo ao que Beebe (1988) denominou *variação de desenvolvimento*. No entendimento de Beebe, variação de desenvolvimento é a variação atestada em fenômenos linguísticos recorrentes na interlíngua. Em nosso trabalho, especificamente, a variação de desenvolvimento é entendida como a alternância que ocorre na frequência de aplicação de epêntese na interlíngua português-inglês.

Essa variação que ocorre na interlíngua não é aleatória. De acordo com Ellis (1994:134), a variação de desenvolvimento (referida pelo autor simplesmente como *variação linguística*) pode ser *intra-aprendiz* ou *interaprendiz*. A variação *intra-aprendiz* resulta de fatores individuais como motivação, aptidão e personalidade, enquanto a variação *interaprendiz* provém de fatores externos ao indivíduo, sejam eles linguísticos (fonológicos, sintáticos etc), pragmáticos (tempo, tópico e propósito do discurso) ou psicolinguísticos.

Entendemos, a partir do exposto, que tanto a variação de epêntese em PB quanto a variação desse fenômeno no inglês aprendido por brasileiros mereçam ser analisadas. Ainda que estejamos tratando de dois casos de variação distintos para um mesmo fenômeno fonológico, levantamos a hipótese de que a epêntese vocálica, em virtude da transferência linguística que admitimos ocorrer da L1 para a interlíngua, deva se manifestar de modo semelhante em ambos os sistemas, dependendo dos fatores linguísticos e extralinguísticos analisados. É com base nessa hipótese, portanto, que realizamos neste trabalho a análise conjunta do fenômeno de epêntese medial em PB e na aquisição do inglês com LE.

1.2 Pressupostos sobre morfologia

Os aspectos morfológicos aqui considerados estão fundamentalmente relacionados à análise que incluímos neste estudo sobre a aplicação do fenômeno fonológico de epêntese vocálica no contexto morfológico de fronteira entre prefixo e base. Em português brasileiro, tal ocorrência pode ser atestada em exemplos como *ad[I]junto* e *sub[I]raças*. No inglês aprendido por brasileiros, tal fenômeno também é observado, tal como nos exemplos *post[I]date* e *sub[I]chief*.

Partimos do pressuposto de que os falantes de uma língua são dotados do que Basilio (1980) denominou *competência lexical*. A competência lexical possibilita que um indivíduo reconheça a estrutura interna dos itens lexicais de sua língua, através de regras de análise estrutural – RAEs (cf. BASILIO, 1980). Casos, por exemplo, em que um falante reconhece o prefixo *ad-* no vocábulo *adjunto* ilustram a atuação da RAE [ad_{-pref.} [junto]_A]_A. Nas situações em que a RAE se aplica, diz-se que o prefixo depreendido é *transparente* (i.é, visível na estrutura interna do vocábulo).

² Neste trabalho, não fazemos distinção no uso dos termos *aquisição* e *aprendizagem*, nem no uso dos termos *segunda língua* (L2) e *língua estrangeira* (LE).

³ Cabe ressaltar que, ao fazermos uso da expressão *transferência linguística* ao longo deste trabalho, não temos por objetivo assumir os pressupostos behavioristas enraizados na Hipótese da Análise Contrastiva defendida por Lado (1957). Nosso objetivo ao usar tal expressão é, pois, admitir que existem estruturas linguísticas que podem ser transferidas da L1 para a interlíngua, mas o modo como tal transferência linguística ocorre é de maior complexidade do que aquele proposto por Lado (1957). Nessa perspectiva, ao usarmos a expressão ‘transferência linguística’, estamos antes nos aproximando daquilo que Corder (1983) chamou de ‘Mother Tongue Influence’ (influência da língua mãe).

O grau de transparência de um prefixo pode ser diferente do grau de transparência de outros prefixos numa mesma língua. Nessa perspectiva, assumimos a existência de um *continuum* de transparência para os prefixos de uma língua.⁴ Esse *continuum* possui dois extremos: num extremo, estão as formas totalmente visíveis aos falantes (formas que são também produtivas na língua); no outro extremo, encontram-se as formas opacas, que não são mais reconhecidas por nenhum falante (e que tampouco são usadas na formação de novas palavras).

A cada forma é atribuído um grau de transparência específico e, dependendo do valor do grau dessa forma dentro do *continuum* (se mais próximo ou mais afastado de um dos extremos), as configurações prosódicas que se aplicam a essa forma podem mudar. A partir desse pressuposto, admitimos, neste estudo, que o comportamento fonológico atestado em prefixos que apresentem graus elevados de transparência seja diferente daquele atestado em prefixos com graus médios ou baixos de transparência. Mais especificamente, acredita-se que, quanto maior o grau de transparência de um prefixo, maiores as chances de esse prefixo estar sujeito ao fenômeno de epêntese vocálica. A distinção feita por Schwindt (2008) entre prefixos incorporados e prefixos adjuntos em PB contribui para a defesa dessa hipótese.

Schwindt (2008), com base em trabalhos como os de Booij (1996) e Vigário (2001), observa que os prefixos do PB, sob o ponto de vista prosódico, podem ser classificados em *incorporados*, *adjuntos* ou *composicionais*. Daremos atenção apenas para as duas primeiras classificações. Segundo o autor (op. cit.), o prefixo incorporado corresponde a uma sílaba átona à esquerda de outras sílabas, formando com estas uma só palavra fonológica (PW), tal como em [in- + -scrito]_{PW}. O prefixo adjunto, por sua vez, corresponde a uma sílaba átona à esquerda de uma PW, formando com ela uma PW recursiva, como em [des + [atado]_{PW}]_{PW}.

Schwindt (2008) demonstra que fenômenos fonológicos que envolvem prefixos incorporados podem não envolver prefixos adjuntos, ou vice-versa. Um exemplo disso é a epêntese que ocorre após o prefixo adjunto in-_{NEG} em *inesperado*⁵, mas que não se aplica ao prefixo incorporado in-_{DENTRO} em *inspirar*.

Em nosso estudo, realizamos testes de transparência e posteriormente analisamos a frequência de aplicação de epêntese em vocábulos com os prefixos *ab-*, *ad-*, *ec-*, *sob-* e *sub-* para o PB, e dos prefixos *arch-*, *out-*, *post-* e *sub-* para o inglês. Em PB, *ec-* nos parece, numa classificação prévia,

ser o único a se configurar como prefixo incorporado (já que parece corresponder sempre a uma sílaba átona à esquerda de outras sílabas, com as quais forma uma PW, p. ex., [ec- + -lipse]_{PW}). Não faremos classificações prévias com relação aos demais prefixos em PB.

Em inglês, vamos admitir que *arch-*, *out-*, *post-* e *sub-* parecem se configurar como prefixos adjuntos, já que parecem sempre se adjungir a uma PW pré-existente, formando com ela uma PW recursiva, como em [arch + [enemy]_{PW}]_{PW}, [out + [run]_{PW}]_{PW}, [post + [date]_{PW}]_{PW} e [sub + [license]_{PW}]_{PW}.

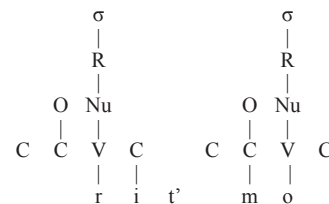
Após estabelecermos essas classificações prévias, resta-nos relacionar as noções de prefixo incorporado e de prefixo adjunto com a ideia de transparência e, finalmente, com a ocorrência da epêntese vocálica. Acreditamos que prefixos incorporados tenham maior tendência a se aproximar do extremo ‘opaco’ do *continuum* de transparência, ao passo que prefixos adjuntos devam estar mais próximos do extremo ‘transparente’. Isso, por consequência, nos motiva a levantar a hipótese de que os prefixos adjuntos estão mais sujeitos à aplicação de epêntese do que prefixos incorporados.

1.3 Pressupostos sobre fonologia: a sílaba e a epêntese

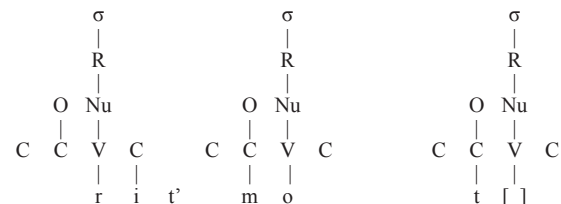
Neste trabalho, partimos da definição de ‘sílaba’ (σ) proposta por Selkirk (1982) e defendemos que o fenômeno de epêntese é um recurso utilizado por falantes nativos de PB e por brasileiros aprendizes de inglês como LE para respeitar os moldes silábicos e as condições de boa-formação de sílaba (filtros) que se aplicam a esses moldes na L1 e na interlíngua, respectivamente.

Bisol (1999) admite, sob a ótica da Fonologia Lexical, que a epêntese constitui parte da silabação em PB e está presente em todos os níveis lexicais, assim como no pós-léxico. Nessa perspectiva, a epêntese é vista como o preenchimento de nós vocálicos vazios que são criados durante a silabação iterativa. Esses nós vocálicos vazios correspondem a núcleos de sílabas que são criadas para salvar consoantes extraviadas, i.é, consoantes inicialmente dessilabadas porque violam as condições de boa-formação de *onset* ou de *coda* silábica. A partir do padrão canônico CCVC, Bisol representa a epêntese que ocorre em *ritmo* da seguinte forma:

(1) Primeira iteração



Segunda iteração



⁴ Esse *continuum* está intimamente relacionado à proposta de Katamba e Stonham (2006) (feita a partir do trabalho de Aronoff, 1976), que prevê a existência de uma escala com gradientes de produtividade para processos de formação de palavras.

⁵ Orientado por Collischonn e Schwindt (2005), o autor assume que, em PB, as palavras iniciadas por [esC] são, em sua maioria, produto de epêntese sincrônica.

CV CV CV
Resultado: r i t i m o
Adaptado de Bisol (1999:729-730)

De acordo com essa representação, portanto, a epêntese (entendida como processo) coloca uma consoante extraviada *t*⁶ junto a um *slot* V do padrão canônico, formando uma sílaba CV, cujo núcleo, sem traços (cf. [] na segunda iteração), é preenchido posteriormente por regra de redundância (*default*).

A análise de Bisol (1999) sobre o papel da inserção vocálica na silabação do PB, somada às considerações feitas por Selkirk (1982) acerca do constituinte ‘sílaba’ em inglês, nos permitiu observar que a epêntese é um fenômeno esperado em dados de fala do PB, mas não em dados do inglês. Observações não monitoradas da fala de aprendizes brasileiros de inglês nos permitiram, no entanto, constatar que a inserção vocálica parece ser recorrente na interlíngua português-inglês. Para tentar explicar esse fato, levantamos a hipótese de que a epêntese em inglês seja resultado da transferência linguística que admitimos existir entre a L1 e a interlíngua desses indivíduos. Na próxima seção, apresentamos os instrumentos utilizados para verificar essa e as demais hipóteses até aqui levantadas.

2 Metodologia

No intuito de alcançarmos os objetivos apresentados na introdução deste trabalho, procedemos à elaboração e à aplicação de quatro instrumentos de coleta de dados. Dois desses instrumentos correspondem a testes de verificação de transparência de prefixos (um em vocábulos do português e outro em vocábulos do inglês); os outros dois instrumentos correspondem a duas listas de frases (uma em português e outra em inglês) que foram empregadas para a obtenção de dois grupos de amostragens de fala, que doravante denominaremos Amostra de Fala 1 (referente a dados de fala do PB) e Amostra de Fala 2 (referente a dados de fala do inglês). Passemos ao detalhamento de cada um desses instrumentos.

2.1 Testes de verificação de transparência dos prefixos

Realizamos em nosso estudo dois testes de verificação de transparência. Cada um deles é constituído de uma lista de palavras (em português ou em inglês) que foi submetida à análise de falantes nativos de português.⁷ Nosso objetivo ao aplicar os testes de verificação de transparência dos prefixos foi investigar o *status* gramatical sincrônico (isto é, o grau de transparência) de cada um dos prefixos presentes nos vocábulos submetidos à análise dos entrevistados, que tinham como tarefa circular a parte das palavras que julgassem possuir o núcleo do significado das mesmas, ou seja, sua raiz ou base (destacando, inconscientemente, seus afixos).

A importância de se verificar a ciência dos falantes sobre a existência dos prefixos investigados é justificada

pelo fato de que um dos objetivos deste trabalho é averiguar se os prefixos transparentes de uma língua apresentam comportamento fonológico diferente de prefixos com menor grau de transparência, o que, neste trabalho, pode significar diferentes taxas de aplicação do fenômeno de epêntese vocálica entre essas duas categorias. Hipotetiza-se que os vocábulos prefixados considerados transparentes pelos informantes estejam relacionados a percentuais mais elevados de aplicação desse fenômeno fonológico se comparados com vocábulos formados por prefixos menos transparentes ou opacos.

A hipótese de que prefixos transparentes favorecem a aplicação de um fenômeno como a epêntese se dá pelo fato de acreditarmos que esses prefixos apresentem certa independência fonológica, caracterizando-se como prefixos *adjuntos*, em oposição a prefixos *incorporados*, para os quais a epêntese é menos esperada ou inexistente.

O teste de verificação dos prefixos em PB constituiu-se de uma lista com 46 vocábulos. Desses vocábulos, trinta apresentam os prefixos *ab-*, *ad-*, *ec-*, *ob-*, *sob-* ou *sub-* (afixos que podem motivar a epêntese em PB, por possuírem coda silábica preenchida por consoante plosiva) e os outros 16 correspondem a formas não prefixadas que apresentam grafia inicial idêntica à dos prefixos analisados (p. ex., *subtração*).⁸ O teste foi aplicado no município de Porto Alegre - RS e envolveu a participação de 20 falantes nativos de PB com grau de instrução correspondente a, no mínimo, superior incompleto.

O teste de verificação dos prefixos em inglês é composto por uma lista de 28 palavras. Dessas palavras, vinte correspondem a formações com os prefixos *arch-*, *out-*, *post-* e *sub-* (presumidamente motivadores de epêntese em inglês como LE). As oito palavras restantes correspondem a formas igualmente iniciadas com as grafias *arch-*, *out-*, *post-* e *sub-*, porém não são prefixadas (p. ex., *postiche*, ‘peruca’). O teste foi aplicado no município de Porto Alegre e envolveu a participação de 20 falantes nativos de PB aprendizes de inglês com língua estrangeira.⁹

2.2 Amostras de fala

Em nosso estudo, realizamos a coleta de dados de fala tanto em língua portuguesa (Amostra de Fala 1) quanto em língua inglesa (Amostra de Fala 2). Nosso objetivo

⁶ Bisol (1999) argumenta que a consoante *t* é extraviada porque, na primeira iteração, não satisfaz as condições de ataque (*ri.tmo) e de coda (*rit.mo) propostas pela autora para o PB.

⁷ Trata-se aqui de dois grupos de falantes distintos: um deles analisou a lista de palavras em português e o outro analisou a lista de palavras em inglês.

⁸ Incluímos formas não prefixadas nos dois testes de transparência com o objetivo de verificar se os informantes identificavam as formas prefixadas sem se basearem exclusivamente nas semelhanças gráficas existentes entre as palavras listadas.

⁹ Todos os participantes deste teste eram alunos do quarto ano de um curso de idiomas do município de Porto Alegre-RS.

principal em realizarmos o levantamento desses dados foi verificar o comportamento da epêntese vocálica medial em PB e em inglês sob uma perspectiva quantitativa.

A Amostra de Fala 1 foi obtida a partir da leitura de um conjunto de 13 frases em português nas quais estão inseridas 39 palavras em que há contexto para a inserção de uma vogal epentética. A Amostra de Fala 2, por sua vez, foi obtida a partir da leitura de um conjunto de quatro parágrafos em língua inglesa, nos quais estão inseridos 61 vocábulos com contexto para aplicação de epêntese.

Na seleção das palavras que integram a Amostra de Fala 1 e a Amostra de Fala 2, tomamos o cuidado de separar ao menos um vocábulo para cada uma das variáveis independentes que consideramos ser de relevância para a investigação de nossa variável dependente – que corresponde a qualquer elemento vocálico que tenha sido inserido entre os *clusters* consonantais dos vocábulos analisados nas duas amostras de fala.

Apresentamos no Quadro 1 as variáveis independentes admitidas em nosso estudo.¹⁰ Escolhemos essas variáveis (à exceção de ‘contexto morfológico’) com base nos trabalhos de Collischonn (2002), sobre a epêntese medial em PB, e de Pereyron (2008), sobre a epêntese medial em inglês como LE, no intuito de comparar os resultados desses estudos com os resultados de nossa investigação. A variável ‘contexto morfológico’ recebe destaque neste trabalho, especialmente porque, nas investigações sobre o fenômeno fonológico de inserção vocálica na fala de brasileiros já realizadas, nenhuma ou pouca atenção lhe foi dada.

Collischonn (2002) excluiu de seu estudo vocábulos com o prefixo *sub-* (*subtenente*, *subterrâneo*, etc.) justificando que “(...) existe a suspeita de que o prefixo atue com uma certa independência fonológica, e nesse caso, a consoante /b/ estará em final de palavra, (...)” (p. 211). Pereyron (2008) incluiu em seus dados os vocábulos *subcategory*, em que o *cluster* [bk] está num contexto morfológico de fronteira entre prefixo e base, e *webpage*, em que [bp] está na fronteira entre duas formas livres. A autora, no entanto, não discutiu se o fato de esses encontros consonantais estarem numa posição de fronteira morfológica poderia implicar diferentes taxas de aplicação de epêntese. É em razão da ausência dessa discussão e, principalmente, da suspeita levantada por Collischonn (2002) acerca de *sub-*, que a variável ‘contexto morfológico’ foi investigada neste trabalho.

Acreditamos que, tanto em português quanto em inglês, a epêntese seja mais frequente em *clusters* localizados na fronteira entre prefixos e bases do que em *clusters* localizados no interior das bases. Além disso, ao

investigarmos a variável ‘contexto morfológico’, buscamos confirmar a suspeita apresentada por Collischonn (2002) de que vocábulos com prefixos como *sub-* apresentam maiores índices de inserção vocálica, fato que contribui para acreditarmos que tais afixos são dotados de certa independência fonológica.

QUADRO 1 – Resumo das variáveis independentes submetidas à investigação

Variáveis linguísticas	Contexto morfológico Em PB: <i>ab-</i> (<i>absorveu</i>), <i>ad-</i> (<i>adjunto</i>), <i>ec-</i> (<i>eczemas</i>), <i>ob-</i> (<i>obversão</i>), <i>sob-</i> (<i>sobgraves</i>), <i>sub-</i> (<i>subchefe</i>) ou <i>interior da base</i> (<i>quartzo</i>) Em inglês: <i>arch-</i> (<i>archconfraternity</i>), <i>out-</i> (<i>outnumbered</i>), <i>post-</i> (<i>postmortal</i>), <i>sub-</i> (<i>sublicense</i>) ou <i>interior da base</i> (<i>diphthongs</i>)
	Tipo de consoante perdida (consoante que antecede a vogal epentética) [p] (<i>optou</i>), [b] (<i>subchefe</i>), [t] (<i>ritmo</i>), [d] (<i>adze</i>), [k] (<i>auction</i>), [g] (<i>rugby</i>), [m] (<i>amnésia</i>), [n] (<i>enmity</i>), [f] (<i>afias</i>), [ʃ] (<i>marshmallows</i>), [ʒ] (<i>cashmere</i>), [tʃ] (<i>archfiend</i>), [dʒ] (<i>fledglings</i>), [θ] (<i>ethnic</i>) ou [ð] (<i>rhythmic</i>)
	Vozeamento da consoante perdida vozeado (<i>pigmeus</i>) ou desvozeado (<i>portfolio</i>)
	Tipo de contexto seguinte (consoante que vem logo após a vogal epentética) oclusiva bilabial (<i>sobpõem</i>), oclusiva alveolar (<i>postdate</i>), oclusiva velar (<i>napkin</i>), nasal (<i>enmity</i>), fricativa labiodental (<i>obversão</i>), fricativa alveolar (<i>archsee</i>), fricativa alveopalatal (<i>subchefe</i>), africada alveopalatal (<i>outjockey</i>), fricativa interdental desvozeada (<i>diphthongs</i>), lateral alveolar vozeada (<i>adligação</i>) retroflexa alveolar vozeada (<i>postrecord</i>) ou fricativa velar desvozeada (<i>ad-rogar</i>)
	Vozeamento do contexto seguinte vozeado (<i>postgraduate</i>) ou desvozeado (<i>obfirmam</i>)
	Acento (posição da consoante perdida na pauta acentual do vocábulo) pretônico ([abdʒɪˈkɔw] <i>abdicou</i>) ou postônico ([ˈlɑːmbdə] <i>lambda</i>)
	Tipo de cluster existente em PB e inexistente em inglês ([bx] <i>sub-raças</i>) existente em inglês e inexistente em português ([θm] <i>arithmetic</i>) existente em PB e em inglês ([ts] <i>futsal</i> , <i>flossam</i>)
Variáveis extralinguísticas	Sexo masculino ou feminino
	Idade ≤ 30 anos ou ≥ 38 anos
	Informante A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O ou P
	Proficiência em inglês até 2 anos de estudo de inglês ou mais de 4 anos de estudo de inglês

No intuito de proceder à coleta dos dados que compõem a Amostra de Fala 1 e a Amostra de Fala 2, selecionamos 16 aprendizes brasileiros de inglês de uma escola particular de idiomas do município de Porto Alegre-RS. Esses participantes foram escolhidos de acordo com os pré-requisitos apresentados nas células sociais especificadas no Quadro 2 a seguir (cada célula foi preenchida por dois participantes). Todos os 16 informantes procederam à leitura dos conjuntos de frases em português e em inglês, que foram gravados com o auxílio de equipamento de áudio digital.

¹⁰ Dadas as limitações de espaço, omitimos neste trabalho as hipóteses que levantamos para cada uma das variáveis investigadas. Algumas dessas hipóteses são elucidadas na discussão dos resultados obtidos para as Amostras de Fala 1 e 2 (cf. seção 3).

QUADRO 2 – Células sociais da amostra de fala em PB e da amostra de fala em inglês

Célula 1	sexo masculino idade ≤ 30 anos até 2 anos de estudo de inglês	Célula 5	sexo feminino idade ≤ 30 anos até 2 anos de estudo de inglês
Célula 2	sexo masculino idade ≥ 38 anos até 2 anos de estudo de inglês	Célula 6	sexo feminino idade ≥ 38 anos até 2 anos de estudo de inglês
Célula 3	sexo masculino idade ≤ 30 anos mais de 4 anos de estudo de inglês	Célula 7	sexo feminino idade ≤ 30 anos mais de 4 anos de estudo de inglês
Célula 4	sexo masculino idade ≥ 38 anos mais de 4 anos de estudo de inglês	Célula 8	sexo feminino idade ≥ 38 anos mais de 4 anos de estudo de inglês

Após a gravação dos dados que compõem a Amostra de Fala 1 e a Amostra de Fala 2, efetuamos a análise acústica dos arquivos de áudio com o auxílio do programa computacional Praat, v. 5.1.07 (Boersma e Weekink, 2009). Uma vez registrados os casos em que houve realização de epêntese, procedemos à codificação dos dados e, em seguida, executamos as rodadas estatísticas que serviram de base para a investigação do comportamento da epêntese vocálica em português e em inglês. As rodadas estatísticas foram realizadas com o auxílio do *software* GoldVarb X, v. 3.0b3 (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005).

A apresentação e a discussão de alguns dos resultados obtidos para a Amostra de Fala 1 e a Amostra de Fala 2, assim como para os testes de verificação de transparência de prefixos em PB e em inglês como LE, são o foco da próxima seção deste trabalho.

3 Análise e discussão dos resultados

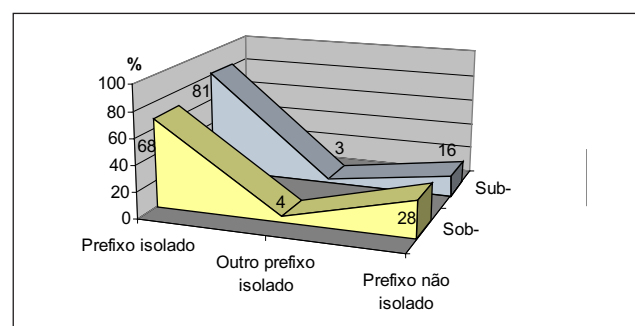
Resumimos abaixo os principais resultados obtidos com a aplicação dos instrumentos descritos na seção anterior. Por limitações de espaço/tempo, na subseção 3.2, que trata das amostras de fala, apresentamos e discutimos apenas (i) os resultados gerais sobre a frequência de realização de epêntese em PB e em inglês; (ii) os resultados para a variável ‘contexto morfológico’ em PB; e (iii) os resultados para as variáveis consideradas estatisticamente relevantes tanto em PB quanto em inglês, quais sejam, ‘acento’, ‘vozeamento da consoante perdida’, ‘tipo de consoante perdida’ e ‘informante’.

3.1 Resultados dos testes de verificação de transparência dos prefixos

Com base nas respostas dos informantes para os testes de verificação de transparência dos prefixos em PB e em inglês, optamos pela separação dos resultados em três categorias: (i) Prefixo isolado, (ii) Outro prefixo isolado e (iii) Prefixo não isolado. Na categoria ‘Prefixo isolado (falso ou verdadeiro)’, foram registrados os casos em que o informante separou, à esquerda das bases, as formas gráficas idênticas aos prefixos analisados, ainda

que *ab-*, *ad-*, *ec-*, *ob-*, *sob-*, *sub-PB*, *arch-*, *out-*, *post-* e *sub-EN* não correspondessem de fato a prefixos. Na categoria ‘Outro prefixo isolado’, incluímos os casos em que o respondente havia deixado fragmentos à esquerda das partes circuladas que diferiam das formas gráficas equivalentes aos prefixos analisados. Para a categoria ‘Prefixo não isolado’, finalmente, foram considerados os casos em que o informante circulou toda a parte inicial da palavra, ou seja, não identificou a existência de qualquer prefixo no vocábulo.

A primeira constatação de relevância sobre os resultados obtidos trata da transparência dos prefixos *sob-* e *sub-* em PB. Os percentuais de isolamento, distribuídos conforme as categorias acima descritas, podem ser visualizados no Gráfico 1, abaixo.

GRÁFICO 1 – Transparência de *sob-* e *sub-* em PB

Os prefixos *sob-* e *sub-* apresentaram os maiores índices de isolamento nos resultados obtidos para o teste de verificação de transparência em PB. Esses índices, convertidos em taxas percentuais no Gráfico 1, evidenciam que os informantes entrevistados identificam os vocábulos que detêm esses afixos através da estrutura [prefixo [base]]. Esse resultado, que demonstra nitidamente o elevado grau de transparência atribuído a *sob-* e a *sub-*, nos permite prever, a partir do que apresentamos em 1.2, que os índices de aplicação de epêntese sejam elevados nos vocábulos da Amostra de Fala 1 que possuem tais prefixos.

Passemos à análise dos percentuais de isolamento para os prefixos *ab-*, *ad-*, *ec-* e *ob-* em português brasileiro. Tais percentuais são apresentados no Gráfico 2.

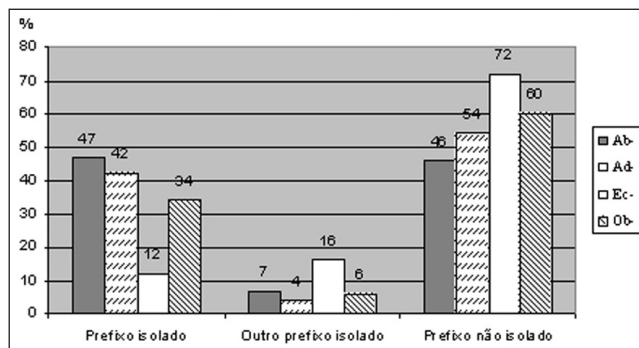


GRÁFICO 2 – Transparência de *ab-*, *ec-* e *ob-* em PB

Analisando os resultados apresentados no Gráfico 2, percebemos que o tratamento dado aos vocábulos com prefixo *ab-* e com prefixo *ad-* é semelhante. Os percentuais de isolamento e de não isolamento desses prefixos se encontram numa faixa medial do *continuum* de transparência (entre 40% e 60%), o que nos impede fazer afirmações categóricas sobre seu *status* sincrônico na língua. A situação é diferente no que diz respeito aos dois prefixos restantes, quais sejam, *ec-* e *ob-*.

Verificando-se a taxa de isolamento do prefixo *ec-*, fica claro que o grau de transparência do mesmo é mínimo (seu índice de isolamento foi de apenas 12%), o que indica fortemente que esse afixo corresponde a uma forma já opaca na língua. Chama-se também atenção para o percentual elevado (se contrastado com os demais prefixos) de isolamento de outra forma prefixal nos vocábulos com *ec-* (16%, valor superior à coluna ‘prefixo isolado’). Os informantes, mesmo nos casos em que identificaram algum afixo no início dos vocábulos com *ec-*, não foram capazes de identificar com clareza qual era esse prefixo e acabaram isolando outra forma (*ecd-*, *ecze-*, *ecl-*, dentre outras). Essa informação, somada ao fato de que não houve isolamento de *ec-* em 72% dos casos em que ele apareceu, permite afirmar que tal forma está próxima do extremo opaco do *continuum* de transparência por nós admitido (cf. seção 1.2).

Para o prefixo *ob-*, o percentual de isolamento também é considerado baixo: 34% dos vocábulos apresentaram o afixo separado de suas bases. Em 60% das palavras iniciadas com o prefixo *ob-* não houve isolamento de prefixo e em 6% delas ocorreu o isolamento de algum outro afixo à esquerda de suas bases. Juntos, esses resultados reforçam a afirmação de que o prefixo *ob-* parece não ser mais considerado transparente no português brasileiro.

Voltemo-nos agora para os resultados do teste de verificação de transparência dos prefixos em inglês. O

Gráfico 3 abaixo apresenta os percentuais de isolamento de *arch-*, *out-*, *post-* e *sub-*.

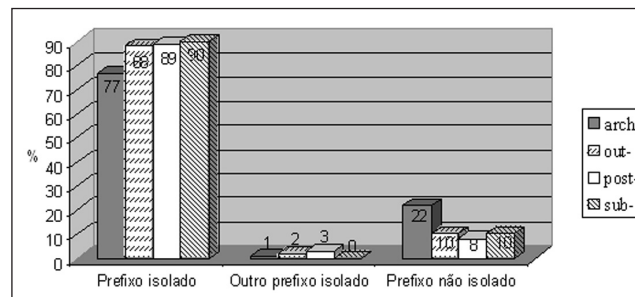


GRÁFICO 3 – Transparência de *arch-*, *out-*, *post-* e *sub-* em inglês

Através da comparação entre a primeira sequência de colunas com as duas demais sequências de colunas do gráfico acima, é possível verificar que os índices de isolamento de *arch-*, *out-*, *post-* e *sub-* em vocábulos com esses afixos são bastante elevados. (77%, 88%, 89% e 90%, respectivamente). A análise desse gráfico nos permite ainda notar que houve um percentual razoável (22%) de não isolamento do prefixo *arch-*. A resposta para esse resultado foi obtida através de uma análise mais acurada dos resultados dos testes de transparência em inglês, que nos permitiu observar que alguns dos falantes atribuíram a *arch-* o significado principal das palavras que continham esse afixo, muito provavelmente porque o confundiam com a forma livre *arch* (‘arco’).

A conclusão que fazemos a partir dos resultados do teste de verificação de transparência de prefixos do inglês é que *arch-*, *out-*, *post-* e *sub-* apresentam grau elevado no *continuum* de transparência admitido para a língua inglesa. Acreditamos, em razão disso, que estamos diante de quatro prefixos *adjuntos* que se anexam a palavras fonológicas existentes como formas livres no léxico do inglês e que, por isso, são mais facilmente identificados.

3.2 Resultados obtidos a partir das amostras de fala

Como mencionamos no início desta seção, nos limitaremos neste trabalho a discutir apenas parte dos resultados obtidos a partir da análise das rodadas estatísticas que realizamos com base nos dados coletados nas amostras de fala do PB e do inglês. Os primeiros resultados aqui tratados dizem respeito aos percentuais gerais de aplicação de epêntese em PB e em inglês.

Nos dados da Amostra de Fala 1 (PB), de um total de 624 ocorrências de vocábulos com contexto para aplicação, a epêntese vocálica medial foi atestada 246 vezes, o que corresponde a um percentual igual a 39,4 pontos. Esse valor comprova a recorrência da epêntese

medial na língua portuguesa falada por porto-alegrenses e indica, sob a perspectiva variacionista, que a inserção vocálica é uma característica presente na fala da capital gaúcha, o que já foi atestado em estudos como os de Collischonn (2002).

Por outro lado, nos dados da Amostra de Fala 2 (inglês), de um total de 976 ocorrências de vocábulos analisados, apenas 151 apresentaram vogal epentética: 15,5%. Esse percentual é significativamente menor (menos da metade) do que o registrado nos vocábulos do PB (39,4 %). Esse resultado era de fato esperado, considerando-se que alguns dos informantes devam ter maior consciência sobre o fato de que, em inglês, sílabas podem terminar em consoantes oclusivas.

Outro resultado importante que merece ser discutido aqui diz respeito ao papel da variável ‘contexto morfológico’ na aplicação da epêntese vocálica. Uma vez que essa variável não foi considerada estatisticamente relevante nas rodadas que realizamos com os dados de língua inglesa, discutimos aqui apenas os resultados referentes às rodadas com dados da Amostra de Fala 1 (PB).

Apresentamos, inicialmente, os percentuais de aplicação de epêntese verificados no grupo de vocábulos com *cluster* consonantal no interior da base e no grupo de vocábulos com *cluster* na fronteira prefixo + base. Esses resultados estão no Gráfico 4.

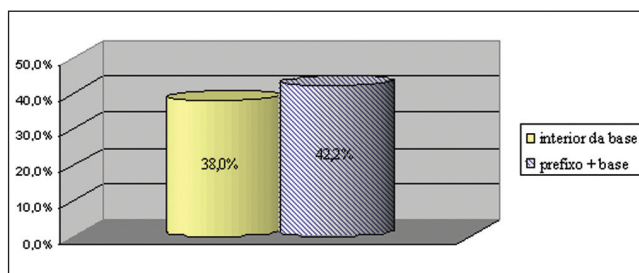


GRÁFICO 4 – Frequência de epêntese em PB por contexto morfológico

Em 347 ocorrências de vocábulos com *cluster* no interior da base, a epêntese foi registrada 132 vezes (38%), ao passo que, em 268 dados com *cluster* na fronteira entre prefixo e base, a inserção da vogal ocorreu 113 vezes (42,2%). Ainda que a diferença percentual seja tímida entre esses dois grupos, pode-se notar, através do gráfico acima, que o contexto morfológico entre um prefixo e uma base parece ser mais propício para a realização de epêntese, o que confirma nossa hipótese inicial sobre essa questão.

Cabe apresentarmos, agora, o comportamento individual de cada um dos fatores da variável ‘contexto morfológico’ em PB, que são: *interior da base*, *ab-* +

base, *ad-* + *base*, *ec-* + *base*, *ob-* + *base*, *sob-* + *base* e *sub-* + *base*. Os resultados para esses fatores podem ser visualizados na Tabela 1.

TABELA 1 – Resultado para Contexto morfológico (PB)

	Apl./ Total	%	Peso relativo Rodada 1	Peso relativo Rodada 2
sub- (<i>subchefe</i>)	23/37	62	0,87	0,68
sob- (<i>sobpõem</i>)	15/27	55	0,83	0,61
ec- (<i>eczemas</i>)	24/63	38	0,39	0,54
interior da base (<i>ritmo</i>)	132/347	38	0,42	0,53
ob- (<i>obversão</i>)	21/48	43	0,58	0,41
ad- (<i>adjunto</i>)	22/61	36	0,39	0,29
ab- (<i>absorveu</i>)	8/32	25	0,71	0,28
Total	245/615	39		

Input: 0,33
Signif.: 0,023

Input: 0,38
Signif.: 0,014

No que diz respeito aos pesos relativos apresentados na Tabela 1, vamos dar atenção somente aos valores da rodada 2.¹¹ Analisando os pesos relativos da rodada 2 em conjunto com os percentuais de frequência de epêntese para cada um dos fatores, é possível classificar os fatores em três grupos: o grupo 1, formado por *sob-* e por *sub-*, que apresentam peso relativo e frequência de epêntese elevados; o grupo 2, formado por *ec-*, *interior da base*, *ob-* e *ad-*, que apresentam valores médios na análise conjunta entre peso relativo e frequência de epêntese; e o grupo 3, formado pelo fator *ab-* apenas, que apresentou peso relativo e frequência de epêntese reduzidos. Considerando-se a neutralidade estatística atestada para os fatores do grupo 2, apresentaremos aqui apenas a discussão a respeito dos grupos 1 e 3.¹²

O grupo 1, como foi dito, é formado pelos fatores que apresentaram os pesos relativos mais elevados na rodada 2: *sob-* (peso igual a 0,61) e *sub-* (peso igual a 0,68). Os percentuais de frequência de epêntese nos vocábulos com os prefixos *sob-* e *sub-* foram também os mais elevados (55% e 62%, respectivamente) e se distanciam dos percentuais referentes aos demais contextos morfológicos analisados. Esses resultados confirmam, portanto, nossa hipótese, formulada com base na suspeita levantada por Collischonn (2002), de que vocábulos com *sub-* (e, por extensão, com *sob-*) deveriam apresentar maiores índices de inserção vocálica.

¹¹ Para evitar a apreciação concomitante de variáveis com baixa ortogonalidade entre si, dividimos a análise das variáveis em dois grupos de rodadas (Rodadas 1 e 2), tanto em PB quanto em inglês. Mesmo com essa divisão, na rodada 1, a seleção da variável ‘tipo de contexto seguinte’ pelo programa computacional causou alterações nos pesos relativos de alguns fatores. Isso se refletiu sobre o grupo ‘contexto morfológico’, especialmente sobre o fator ‘*ab-* + *base*’, para o qual foi atribuído peso relativo inverso ao percentual de frequência (0,71 vs. 25%).

¹² A neutralidade atribuída a *ec-*, *ob-* e *ad-* nos permite concluir que esses prefixos são considerados, sob o ponto de vista prosódico, sílabas átonas com características semelhantes às sílabas que estão no interior de vocábulos. Prova disso está na semelhança entre a frequência de aplicação de epêntese após esses prefixos e a frequência de aplicação da epêntese no interior da base (cf. Tabela 1).

Os resultados encontrados para *sob-* e *sub-* parecem apontar, ainda, para o fato de que estamos tratando, nesses casos, de dois *prefixos adjuntos* (cf. 1.2). A essa afirmação, acrescentamos nossa crença de que os prefixos adjuntos *sob-* e *sub-* possam ser interpretados não apenas como sílabas átonas à esquerda de uma palavra fonológica, mas, também, como sílabas com acento próprio e que correspondem, nesse caso, a palavras fonológicas (que podem inclusive aparecer isoladas, especialmente no caso de *sub*¹³). Note-se que, sob essa perspectiva, não estaríamos tratando de casos de epêntese medial, mas, sim, de epêntese final (ou seja, a epêntese em *sob*[I] *graves* e em *sub*[I] *chefe* estaria ocorrendo num contexto morfológico semelhante ao da epêntese atestada em *PUC*[I], *BIG*[I] etc.).

Passando para a análise do grupo 3 proposto para a classificação dos resultados da Tabela 1, constatamos que esse grupo é formado apenas pelo fator *ab-*, que apresentou tanto peso relativo quanto percentual de aplicação de epêntese reduzido (0,28 e 25%, respectivamente). Através de uma análise mais acurada das ocorrências dos vocábulos *absorveu* e *abdicou* (os únicos que contêm o prefixo *ab-* na Amostra de Fala 1), pudemos identificar que a baixa frequência de epêntese se justifica pela presença de outra característica linguística nesses vocábulos, qual seja, o tipo de contexto seguinte ([s] e [dʒ]) foram apontados em nosso estudo como contextos pouco relacionados com a epêntese vocálica. Parece, pois, que, nesses dados, a informação sobre o contexto seguinte do *cluster* tem prevalência sobre a informação do contexto morfológico em que esse *cluster* se encontra. Sob esse ponto de vista, é possível considerar que o prefixo *ab-* se comporta de modo semelhante aos contextos morfológicos contemplados no grupo 2 de nossa classificação.

Resta-nos apresentar neste trabalho os resultados para as variáveis consideradas estatisticamente relevantes tanto em PB quanto em inglês, quais sejam, ‘acento’, ‘vozeamento da consoante perdida’, ‘tipo de consoante perdida’ e ‘informante’. Após a execução das rodadas estatísticas com os dados da Amostra de Fala 2 (inglês), percebemos que todas suas variáveis pertinentes (as acima listadas) já haviam sido previamente consideradas relevantes nas rodadas com dados da Amostra de Fala 1 (PB).¹⁴ Em razão dessa aparente coincidência, decidimos comparar os resultados obtidos para cada uma dessas variáveis nas diferentes rodadas em que foram submetidas à análise.

¹³Schwindt (2000:109) observa, nesse sentido, que o prefixo *sub-* “(...) só aparecerá isolado quando se constatar na sentença um relação de oposição/substituição, do tipo *Se o gerente não está, falarei com o sub*, uma vez que, em princípio, não se compreenderia algo como *O sub está?* (isolado de contexto).”

¹⁴Nas rodadas com dados da Amostra de Fala 1 (PB), além de ‘acento’, ‘vozeamento da consoante perdida’, ‘tipo de consoante perdida’ e ‘informante’, foram igualmente consideradas relevantes as variáveis ‘vozeamento do contexto seguinte’, ‘tipo do contexto seguinte’, ‘contexto morfológico’ e ‘tipo de *cluster*’.

Iniciemos pela variável ‘acento’. Na Tabela 2, abaixo, apresentamos os resultados obtidos para essa variável tanto nos dados do PB quanto nos dados do inglês.

TABELA 2 – Resultado para Acento (PB e inglês)

	PB			Inglês			
	Aplicação/ Total	%	Peso Relativo	Aplicação/ Total	%	Peso Relativo	
pretônico (<i>ob'jeto</i>)	203/468	43	0,53	pretônico (<i>am'nesia</i>)	99/495	20	0,56
postônico (<i>'ritmo</i>)	42/147	28	0,39	postônico (<i>'rhabdom</i>)	52/427	12	0,42
Total	245/615	39		151/922	16		

Input: 0,38
Significância: 0,014

Input: 0,14
Significância: 0,003

Através dos resultados da tabela acima, é possível perceber que a epêntese registrada na pauta acentual postônica dos vocábulos em PB e em inglês teve menor frequência do que a epêntese que ocorreu na pauta pretônica desses vocábulos. Collischonn (2002) obteve resultados semelhantes a esses em seus dados e argumentou que os falantes nativos de PB parecem evitar a realização de epêntese em vocábulos nos quais a vogal epentética é produzida na pauta postônica porque, nesses casos, a epêntese implica o deslocamento do acento principal da palavra (na direção direita → esquerda), como ocorre no exemplo [ˈɛ.tʃɪ.ni.ku] *ét.ni.co*. Parece-nos, pois, que os falantes procuram evitar tal deslocamento de acento em português, já que isso poderia gerar vocábulos com acento após a terceira sílaba (a contar da direita para a esquerda).

Na comparação dos resultados obtidos para ‘acento’ em inglês com os resultados referentes à mesma variável em PB, podemos constatar que o comportamento atestado para a epêntese no contexto postônico na interlíngua é semelhante ao comportamento atestado para a epêntese na L1 (cf. pesos relativos 0,39 em PB e 0,42 em inglês). Isso parece indicar, pois, que o padrão acentual do PB exerce algum tipo de influência na interlíngua dos aprendizes de inglês.

Acreditamos que a semelhança existente entre os resultados para ‘postônico’ nas duas línguas investigadas indique que a transferência linguística que admitimos operar da L1 para a interlíngua (cf. 1.1) inclui a transposição de informações sobre a pauta acentual da língua materna para a língua aprendida. Isso parece que se confirma através da análise das transcrições fonéticas dos dados produzidos pelos falantes.

Nessas transcrições, percebe-se um número razoável de ocorrências em que houve alteração da posição do acento principal da palavra. Alguns exemplos de alteração de acento atestados são: *arith'metic* (produzido em vez de *a'rithmetic*); *a'thletes* (produzido em vez de *'athletes*) e *en'mity* (produzido em vez de *'enmity*).

Pode-se concluir, a partir das constatações que fizemos, que o grau de relevância atribuído a ‘acento’ nos dados do inglês é reflexo do papel que a variável ‘acento’ desempenha nos dados do PB. Admite-se, nesse sentido, que a transferência linguística que ocorre da L1 para a L2 opere sobre a pauta acentual dessas duas línguas.

A variável ‘vozeamento da consoante perdida’, em PB, apresentou o fator ‘vozeado’ como favorecedor de aplicação de epêntese: peso relativo 0,56 (compare-se com o fato ‘desvozeado’, de peso relativo igual a 0,40). Em inglês, o mesmo aconteceu (inclusive de forma mais evidente): peso relativo 0,70 para o fator ‘vozeado’ e 0,41 para ‘desvozeado’. Essas informações nos permitem inferir que a marcação de traço [+vozeado] em consoantes perdidas, por ser idêntica à marcação atestada em vogais, crie um ambiente propício para a realização de uma vogal epentética, seja em PB ou em inglês como LE.

Passemos à análise do grupo ‘tipo de consoante perdida’. O Gráfico 5 apresenta a frequência de epêntese registrada após as ocorrências de consoantes perdidas nos vocábulos analisados em PB quanto em inglês.

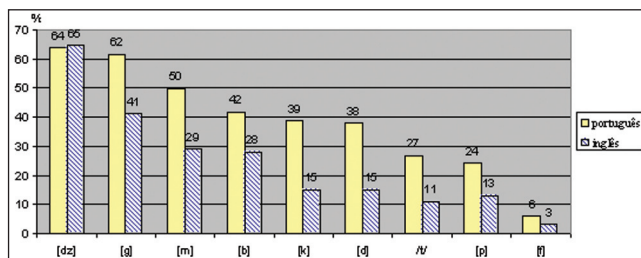


GRÁFICO 5 – Frequência de epêntese em PB e em inglês por tipo de consoante perdida

A primeira informação que extraímos do Gráfico 5 é que a epêntese é sempre mais frequente após consoantes perdidas produzidas em vocábulos do PB (exceto após [dz], representada no gráfico por [dz]). Outra informação que podemos obter desse gráfico é que os percentuais de aplicação de epêntese para as consoantes perdidas do inglês acompanham a ordem decrescente apresentada para os percentuais de aplicação de epêntese para as consoantes perdidas em português (exceto o percentual de [p], que foi ligeiramente superior ao percentual de /t/).

Tais informações parecem mostrar que, em nosso estudo, existe uma correspondência entre a frequência de epêntese que se aplica em português e a que se aplica em inglês após um determinado tipo de consoante perdida. Em outras palavras, as consoantes perdidas que tendem a favorecer a aplicação de epêntese em PB são também as consoantes que estão mais frequentemente associadas à aplicação de epêntese na interlíngua. Essa constatação nos permite admitir que, em nossos dados, a transferência

linguística que ocorre da L1 para a interlíngua é bastante operante.

Cabe, por fim, comparar as frequências de aplicação de epêntese em PB e em inglês entre cada um dos 16 informantes que participaram de nossa pesquisa. Para realizarmos essa comparação, valemo-nos das informações do Gráfico 6.

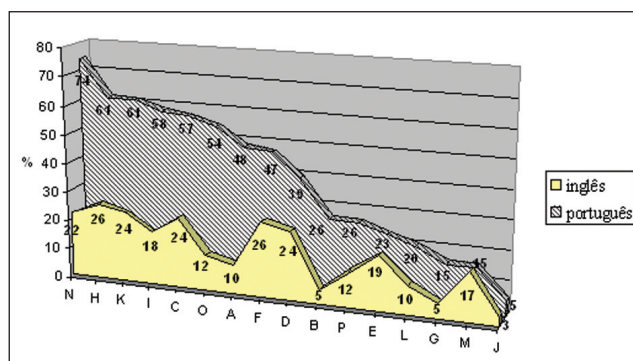


GRÁFICO 6 – Frequência de epêntese em PB e inglês por informante

Através das informações do Gráfico 6, podemos primeiramente constatar que a aplicação de epêntese por informante é sempre mais frequente nas produções de fala em PB, exceto pelo informante M. Outra constatação que pode ser feita é que, dos cinco informantes que apresentam as maiores frequências de epêntese em português (N, H, K, I e C), todos se incluem entre os que aplicaram epêntese em inglês acima da média geral de aplicação nesse idioma (15,5%).

Ao olharmos, no Gráfico 6, para os resultados sobre os informantes B, P, E, L, G, M e J, constatamos que tais informantes produziram epêntese abaixo da média atestada para o PB (39,4%). Percebe-se, pois, que esses informantes estão também entre os que produziram epêntese abaixo da média nos dados do inglês (15,5%), à exceção de E e de M. A análise dos resultados para esses informantes nos permite ainda constatar que o informante J foi o que menos produziu epêntese, tanto em português quanto em inglês.

Através das constatações feitas, concluímos que existe certa correlação entre a frequência com que um falante nativo de PB aplica epêntese nessa língua e a frequência com que esse falante aplica epêntese na interlíngua. Em outras palavras, acreditamos que, quanto mais um falante produz epêntese na L1, maiores são as chances de ele produzir epêntese na interlíngua. Essa nossa crença se baseia principalmente no princípio da transferência linguística que admitimos operar entre a L1 e a interlíngua. Note-se, no entanto, que essa correlação nem sempre é confirmada em nossos resultados: de acordo com o Gráfico 6, houve informantes, como O e A, por exemplo, que aplicaram epêntese em PB com frequência

alta (acima da média); esses mesmos informantes, entretanto, ao produzirem dados em inglês, aplicaram epêntese com frequência abaixo da média. Para esses casos, admitimos que o percentual reduzido de produção de epêntese em inglês se justifique pela atuação de fatores de natureza intra-aprendiz, como motivação, autonomia, proficiência na língua etc. que estão acima do poder exercido pela transferência linguística.

Conclusões

Com base nos resultados apresentados na seção anterior, retomamos os objetivos propostos na introdução deste trabalho para concluirmos que

- (i) em PB, *sob-* e *sub-* apresentam elevado grau de transparência, podem ser considerados prefixos *adjuntos* e evidenciam estar mais sujeitos à aplicação de epêntese em razão disso; em inglês, ainda que *arch-*, *out-*, *post-* e *sub-* sejam transparentes, não é possível fazer afirmações sobre seu papel na realização da epêntese vocálica medial, uma vez que a variável ‘contexto morfológico’ não foi considerada estatisticamente relevante nas rodadas com dados de língua inglesa;
- (ii) em PB, a frequência de epêntese é ligeiramente maior para o contexto morfológico ‘prefixo + base’ (42,2%) do que para o contexto morfológico ‘interior da base’ (38%); e
- (iii) as comparações que fizemos entre os comportamentos da epêntese medial em PB e em inglês nos permitiram confirmar que existe uma relação muito próxima entre os fatores que podem condicionar a aplicação da epêntese em PB e os fatores que estão relacionados a percentuais elevados de aplicação de epêntese em inglês; essa relação estreita é resultado da transferência linguística que opera na direção L1 → interlíngua.

Referências

- BASILIO, M. *Estruturas lexicais do Português*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BEEBE, L. M. Five sociolinguistic approaches to second language acquisition. In: BEEBE, L. M. (Ed.). *Issues in second language acquisition. Multiple perspectives*. Rowley, MA: Newbury House, 1988. p. 43-77.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. v. VII. p. 701-742.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* (v. 5.1.07) [programa computacional]. 2009. Disponível em: <<http://www.praat.org/>>.
- BOOIJ, G. E. Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. In: *The Linguistic Review*, Berlim, n. 13, pp. 219-242, 1996.
- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 205-230.
- COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Considerações sobre a sequência /sC/ inicial em português brasileiro. In: *Revista Lingua(gem)*, Macapá, v. 2, n. 2, p. 249-266, 2005.
- CORDER, S. P. A role for the mother tongue. In: GASS, S.; SELINKER, L. (Ed.). *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass.: Newbury House Publ., 1983. p. 85-97.
- ELLIS, R. *The study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- LADO, R. *Linguistics across cultures: applied linguistics for teachers*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.
- PEREYRON, L. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *GoldVarb: a multivariate analysis application* (v. 3.0b3) [programa computacional]. 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm/>>.
- SCHNEIDER, A. *A epêntese medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- SCHWINDT, L. C. *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.
- SCHWINDT, L. C. Revisitando o estatuto prosódico e morfológico de palavras prefixadas do PB em uma perspectiva de restrições. In: *Alfa*, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 391-404, 2008.
- SELINKER, L. Interlanguage. In: *IRAL*, v. 10, n. 3, p. 209-231, 1972.
- SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H. van der; SMITH, N. (Ed.). *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.
- VIGÁRIO, M. C. *The prosodic word in European Portuguese*. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.

Recebido: 01.03.2010

Aprovado: 08.03.2010

Contato: <schwindt@terra.com.br>; <andretradutor@yahoo.com.br>